

Extinção de grandes mamíferos mudou o ecossistema

Mastodontes, preguiças-gigantes e tatus do tamanho de fuscas. A extinção da megafauna da mais recente era do gelo foi uma tragédia biológica que repercute na ecologia da América do Sul mais de 10 mil anos depois.

A ausência de mamíferos gigantes nos ecossistemas do continente se faz sentir na dinâmica de dispersão das maiores sementes, como, por exemplo, do pequi. Poucos dos frugívoros vivos conseguem engolir uma semente desse tamanho e transportá-la em seu trato digestivo para dispersá-la no meio ambiente. Preguiças-gigantes e gonfotérios (parentes dos elefantes) faziam isso.

Não foram somente as maiores sementes que perderam o seu meio de transporte. A extinção da megafauna também reduziu o raio de dispersão de sementes quando comparado à dispersão feita pelos maiores mamíferos vivos, como a anta.

Um novo estudo calculou a distância que preguiças-gigantes (megatérios) ou mastodontes (gonfotérios) percorriam transportando sementes em seu trato digestório antes de defecá-las no meio ambiente. “Conseguimos dar números aos argumentos verbais sobre a importância desses grandes animais”, disse o biólogo Mathias Mistretta Pires, do Instituto de Biologia da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, primeiro autor de um estudo que quantifica as distâncias de dispersão de sementes pela megafauna.

O estudo foi feito em coautoria com os professores Mauro Galetti, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro, e Paulo Roberto Guimarães, do Instituto de Biociências (IB) da Universidade de São Paulo (USP).

Publicado na revista *Ecography*, o trabalho foi realizado no âmbito do Projeto Temático Consequências ecológicas da defaunação na Mata Atlântica, coordenado por Galetti. Os maiores frugívoros vivos do continente sul-americano são as antas (*Tapirus*), os guanacos (*Lama guanicoe*), as alpacas (*Vicugna pacos*), os catetos (*Pecari tajacu*) e o veado-mateiro (*Mazama americana*). (Jornal da USP)